

MULHER, POBRE E NEGRA: ANÁLISE DISCURSIVA DA EDITORA MINEIRA INDEPENDENTE MARIA MAZARELLO (MAZZA EDIÇÕES)

Letícia Santana Gomes*

Resumo: Quem são os editores mineiros que publicam e apostam em títulos de livros, muitas vezes, à margem da sociedade? Analisaremos os *ethé* discursivos da editora independente Maria Mazarello, fundadora da primeira editora de publicação afro-descendente em Minas Gerais, que investiu na publicação de autores (as) negros (as) e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura africana e brasileira, relacionada, por sua vez, a um largo segmento das populações excluídas no Brasil. Pelo viés da Análise do Discurso, poucos são os trabalhos que discutem as narrativas de vida no gênero documentário. Nesse sentido, a partir do documentário *Por uma memória editorial* (2015), buscamos possíveis *ethé* discursivos presentes nas narrativas da editora Maria Mazarello, focando o modo como os efeitos e os imaginários são construídos em seu discurso. Como mencionado, independente é o termo que tenta retratar àqueles profissionais que caminham em direção oposta ao que o mercado editorial mundial perpassa. Atualmente, o mercado editorial está velozmente se transformando em uma pequena parcela do conjunto da indústria de comunicações. A partir do papel específico desempenhado pela editora independente Maria Mazarello, a intenção é refletir de que maneira esse papel dialoga com suas narrativas de vida. O *ethos* que percebemos após as análises e que se apresenta em todos os trechos que selecionamos da editora está diretamente relacionado ao imaginário que permeia sua vida, de que o papel do editor é algo que se relaciona com um engendramento que envolve muito esforço, persistência e trabalho árduo, independente de preconceitos sociais visíveis na sociedade. Essa profissão acabou sendo uma alternativa de vida e, hoje, tem seu percurso intelectual e humano marcado pelo envolvimento com as questões sociais, políticas e culturais do Brasil.

Palavras-chave: Editora independente. Narrativas de vida. Ethos discursivo.

Abstract: Who are the publishers of the Minas Gerais that publish and bet on book titles, often on the margins of society? We will analyze the discourse ethos of the independent publisher Maria Mazarello, founder of the first publisher of Afro-descendant publishing in Minas Gerais, who invested in the publication of black authors and books that address the various aspects of African and Brazilian culture, Related, in turn, to a large segment of excluded populations in Brazil. From the Discourse Analysis bias, there are few works that discuss life narratives in the documentary genre. In this sense, from the documentary *Por uma memória editorial* (2015), we search for possible *ethé* discursives present in the narratives of the publisher Maria Mazarello, focusing on the way in which the effects and the imaginaries are constructed in his discourse. As mentioned, independent is the term that tries to portray those professionals who walk in the opposite direction of what the global publishing market is going through. Today, the publishing market is fast becoming a small part of the communications industry as a whole. From the specific role played by the independent publisher Maria Mazarello, the intention is to reflect in what way this paper

* Doutoranda em Estudos de Linguagens - CEFET-MG

dialogues with its narratives of life. The ethos that we perceive after the analyzes and that is presented in all the excerpts we select from the publisher is directly related to the imaginary that permeates his life, that the role of the editor is something that is related to an engendering that involves a lot of effort, persistence and Work, regardless of social bias visible in society. This profession ended up being an alternative of life and, today, has its intellectual and human path marked by the involvement with the social, political and cultural questions of Brazil.

Keywords: Independent publisher. Life narratives. Ethos discursive.

1. Introdução

Este artigo tem o propósito de analisar os possíveis *ethé* discursivos da editora Maria Mazarello (Mazza Edições), a partir do documentário *Por uma memória editorial* (2015), buscando identificar de que maneira os papéis sociais desempenhados pela editora se entrecruzam em sua narrativa de vida. A editora escolhida, Maria Mazarello, tem sua história de vida que se confunde com a própria profissão. O principal critério que justifica a escolha dessa editora é a relevância de seu papel no meio independente. A Mazza, como é conhecida, foi a primeira editora que se especializou em publicações afrodescendentes no Brasil. Apesar de ter escolhido o caminho árduo do cenário editorial, nem por isso deixou de ter o seu nome selado em edições de renome, escolhas certas em títulos e sua narrativa de vida que transbordam imaginários distintos e convidativos para análises.

É importante ressaltar que a revisão feita no reservatório de Teses e Dissertações da CAPES não consta trabalhos sobre a editora Maria Mazarello. Assim, a fortuna crítica está relacionada à sua casa editorial, atrelada às pesquisas com livros de referência às temáticas sobre negritude, gênero e literatura afro-brasileira, o que revela um certo ineditismo nesta pesquisa, por relacionar a trajetória de vida da própria editora, e não de sua casa editorial.

Nesse sentido, como ressaltamos o seu discurso (auto)biográfico, fizemo-nos valer de conceitos teórico-metodológicos da Análise do Discurso, mais especificamente, a noção de *ethos* discursivo abordado em Amossy e Maingueneau; o conceito de imaginários sociodiscursivos por meio de Patrick Charaudeau; e também como aparato teórico desta pesquisa, será utilizado o conceito de Dialogismo, advindo do filósofo Bakhtin.

O discurso de outrem (ens)

Todo discurso se mostra atravessado pelos “outros discursos” e pelo discurso do outro. O outro não é um objeto, mas uma condição do discurso. Esta pesquisa se insere, sobretudo, no espaço biográfico do discurso. Nele, estão inseridos os testemunhos de vida, os relatos, os diários, as narrativas de vida, dentre outros gêneros memorialísticos, como destaca Leonor Arfuch (2010). Dentro do espaço biográfico, diversas formas de se contar uma história ou experiência de vida são encontradas. Inscrevem-se, assim: “para além do gênero, uma das grandes narrações do discurso, a narrativa, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos componentes entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade”. (ARFUCH, 2010, p. 111).

Em seu livro, *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, Leonor Arfuch (2010) destaca a entrevista midiática, que poderá ter a equivalência de biografia, autobiografia, história de vida, confissão, diário íntimo, memória, testemunho, além de diversos outros termos cabíveis. Em nosso objeto em questão, da entrevista surgiram depoimentos memorialísticos. É possível elencar as partes que compõem geralmente uma entrevista, de maneira que essa configuração está ligada à questão da identidade, não só para demonstrar quem é quem para o entrevistador, mas para se atualizar e se reconhecer. Por isso, destacamos essas etapas elencadas por Arfuch (2010) que podem ser identificadas em biografemas¹.

¹ Barthes (2003) propõe um conceito para biografemas, que seriam uma espécie de “anamnese factícia”, ou uma representação dos fragmentos de uma vida. Espécie de invenção pautada num modelo real-imaginário que visa a completar ou garantir contornos específicos a uma biografia.

Foram esses biografemas que utilizamos como critérios para a construção do roteiro da entrevista.

- a) *A infância*: será a ancoragem obrigatória de todo devir. O biografema da infância será alimentado por detalhes ilustrativos e lúdicos. Além disso, o entrevistador será o privilegiado em ganhar o tom confidencial da narrativa.
- b) *A vocação*: a autora afirma com veemência que dificilmente existiria outro gênero discursivo que imprimisse a ênfase no trabalho como o verdadeiro motor do devir humano.
- c) *A afetividade*: seria a grande zona de competência da entrevista, a exibição pública da afetividade.

Em nossa análise, é possível destacar as diferentes vozes e discursos que circulam em meio à trajetória de vida narrada pela editora Maria Mazarello. Nesse sentido, a linguagem se estabelece por uma relação dialógica, e esta passa a ser examinada pelo filósofo Bakhtin, que irá se debruçar em seus estudos sobre os aspectos relacionados ao discurso de outrem. Para ele, "aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores (...) a palavra vai à palavra" (BAKHTIN, 1992, p. 147).

Para intensificar nossas análises sobre a heterogeneidade mostrada e constitutiva do discurso, utilizaremos também como referência um dos textos imprescindíveis sobre os estudos heterogêneos, *A Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso*, de Jacqueline Authier-Revuz (2004). Segundo a pesquisadora, no fio de um discurso que um locutor único produz, há certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, que inscrevem o outro. É o outro do discurso relatado: as formas sintáticas do discurso indireto e direto designam um outro ato de enunciação. É como neste exemplo: "(...) o Henrique virou pra mim: *Mazarello, você quer aprender a compor?*, percebe-se, então, como a editora se utilizou do discurso direto como "porta voz", relembrando as próprias palavras do outro para inserir na sua enunciação.

Há outro recurso para marcar a heterogeneidade discursiva, denominada conotação autonímica – o locutor faz uso de palavras inscritas no fio de seu discurso. É marcado por aspas,

por itálico, por uma entonação ou por alguma forma de comentário, como aponta Authier-Revuz (2004). Recebe, então, um estatuto outro. Destacamos uma passagem específica na narrativa de Mazza, em que diz: " (...) eu não iria ser secretária *porque... porque...* não ia ser secretária dos americanos. O entendimento desta enunciação é permitido, mormente, pelo audiovisual. A expressão ganha força devido ao gesto que Mazza faz durante a fala, passando as mãos pelos braços, e um tom grave em sua voz, referindo-se à sua raça negra, em uma tentativa de transmitir a fidelidade do fato.

Portanto, partindo das formas marcadas que atribuem ao outro um lugar linguisticamente descritível, chega-se à presença do outro – às palavras dos outros, às outras palavras – em toda parte sempre presentes no discurso, não dependente de uma abordagem linguística. Para a descrição linguística das formas de heterogeneidade mostrada, "a consideração da heterogeneidade constitutiva é, ao meu ver, uma ancoragem, necessária, no exterior do linguístico" (AUTHIER-REVUZ, p. 22).

Escolhemos também neste artigo utilizar alguns conceitos teóricos advindo do pesquisador francês Patrick Charaudeau. Essa vertente da Análise do Discurso proposta por ele é um ambicioso projeto que sintetiza e sistematiza a teoria e o pensamento de diversos autores² que já versaram sobre o discurso e a narrativa.

Como sabemos, o discurso é o enunciado inserido em um dado contexto. Em suma, Charaudeau nos instiga a analisar o discurso em suas dimensões interna (os dados internos do texto, os modos como se organizam os enunciados) e externa (a competência situacional da linguagem, as identidades dos parceiros da comunicação e as intencionalidades do discurso), a partir de sujeitos pensados como sociais (locutor e interlocutor) e linguageiros (o enunciadador e o destinatário imaginado).

A situação de comunicação "é o lugar onde se instituem as restrições que determina a expectativa da troca, restrições provenientes ao mesmo tempo da identidade dos parceiros e do lugar que eles ocupam na troca, da finalidade que os religa e o propósito da troca". (CHARAUDEAU, 2004, p. 22). É a situação de comunicação quem vai determinar as condições de produção e de reconhecimento dos atos de comunicação, condições de enunciação sob seu

² Entre eles, Barthes, Bakhtin, Foucault, Greimas e Genette.

aspecto externo. Não iremos nos ater ao método Semiolinguístico adotado pelo pesquisador, mas os operadores analíticos, os imaginários e os efeitos discursivos utilizados neste artigo.

2. Os imaginários sociodiscursivos

O conceito sobre imaginários, amplamente abordado por Charaudeau no artigo *Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux*, publicado na França, em 2007, é utilizado nesta pesquisa, a fim de que nos apropriarmos do que o pesquisador denomina de imaginários socioculturais.

Os imaginários, essas representações sociais, são transmitidos por meio do discurso, podendo ser assim estruturadas: “saberes de crença” e de “conhecimento”. É a partir desses saberes que se organizam sistemas de pensamentos.

Os “saberes de conhecimento” tendem a ser uma verdade fora da subjetividade do sujeito, ou seja, repousa na existência dos fatos no mundo, na explicação dos fenômenos. Pode ser subdividido em: “ciência”, que se baseia nos procedimentos de observação, de experimentação e de cálculo, a fim de que se aplique ao mundo de modo tal como ele é; saber de “experiência”, que também se baseia e constrói explicações sobre o mundo, mas não tem garantia de serem provadas, portanto não possui procedimentos nem instrumentos. É como se um indivíduo que vivenciou (domínio do experienciado) pudesse compartilhar esse conhecimento sem ter um aparato científico. Portanto, diferenciamos os saberes de conhecimento exemplificando-os:

O sol se levanta e se põe (saber de conhecimento – experiência)

A terra gira em torno do sol (saber de conhecimento – ciência)

Há outros tipos de saberes, elencando por Charaudeau (2007), denominados de crença, que se relacionam na atribuição de sentido que damos ao mundo, na forma de julgamentos dos fenômenos, pensamento e comportamento.

A diferenciação geral entre esses saberes se deve, sobretudo, ao fato de que na crença o domínio é de um “nós-verdadeiro”, uma vez que exige adesão do sujeito. Esse nós que pretende substituir o “ele-verdadeiro” do saber de conhecimento está associado ao olhar do sujeito

centrado no mundo, não em seu ponto de vista. No saber de crença, esse raciocínio se inverte. Aqui, não há interesse em saber se o sol levanta ou se põe ou se a terra gira em torno do sol, mas se é melhor trabalhar, por exemplo, no nascer do sol ou ao pôr do sol. Nesse sentido, entramos para o domínio do valor, que interioriza um saber e, ao mesmo tempo, o desejo compartilhado.

A construção do “saber de crença” dá origem a outros dois: “revelação” e “opinião”. O de “revelação” supõe um lugar exterior ao sujeito, em que uma “verdade” não pode ser provada nem verificada, apenas devem existir textos que testemunhem essa verdade quase que transcendentalmente ligados a um caráter sagrado, evocando valores. Já os saberes de “opinião” se centralizam no sujeito que se apropria de um saber e o compartilha a partir de suas percepções subjetivas. É pessoal e partilhado, por isso, podem ser subdivididos em opinião comum (tende a generalizar e pretende ser compartilhada, o exemplo poderia ser o ditado popular), opinião relativa (está contra ou a favor de uma opinião) e opinião coletiva (valores identitários formados por um grupo social).

É desses tipos de saberes que são alimentados os imaginários. Jogando-se com essas categorias, temos, muitas vezes, imbricações dos saberes, que podem ter proposições sobre o mundo. A questão dos imaginários pode não ser categorizada como verdadeira ou falsa, mas para o analista do discurso, deve ser vista como um recurso que consiste em observar como esses imaginários devem aparecer nas falas e visões de mundo daquelas testemunhas.

3. Efeitos discursivos

Os efeitos serão aqui utilizados para o estabelecimento de identidades dos sujeitos, já que, como aponta David-Silva (2005), inspirado Charaudeau:

[...] o sujeito comunicante não consegue prever os efeitos que irá produzir em seu destinatário: sabendo disso, ele aposta em efeitos possíveis (efeitos visados), e as estratégias discursivas utilizadas para se atingir esses efeitos são as mesmas que fornecem ao interpretante condições de traçar o perfil, a identidade linguageira do sujeito comunicante. (p. 55).

Sendo assim, destacamos os efeitos de “realidade”, “ficção” e “patêmicos”, elencados pela autora com base em Charaudeau, os quais utilizaremos em nossas análises.

O efeito de “realidade” é aquele que tende a construir uma visão objetiva e compartilhada do mundo, sendo marcado por índices que irão nos mostrar a percepção por meio dos sentidos (“ver para crer”). Pelo recurso da imagem, por exemplo, a sensação é de que seja uma representação fiel do mundo; o fato de escutar algo que já foi compartilhado, ou seja, já foi uma experiência vivida, também tende a conseguir um efeito de realidade; a aprendizagem, o saber apreendido por meio do intelecto, do científico, permite-nos construir a imagem de um sábio, de um intelectual. Assim, propicia um “efeito de saber” ligado ao efeito de “realidade”. É dentro dessa perspectiva que o efeito de “real” tende a dar credibilidade e autenticidade ao sujeito comunicante.

O efeito de “ficção”, por sua vez, como aponta Machado (1996): “[...] responde ao desejo humano de poder vivenciar (ou se transportar) para uma história que tenha começo e fim, em outros termos: poder sentir através da ficção, a existência de um eu-unificado.” (MACHADO, 1996 *apud* DAVID-SILVA, 2005, p. 55).

Maria Mazarello, conforme iremos detalhar nas análises, agencia seu discurso para um início, meio e fim, em que percebemos uma estratégia desse efeito de “ficção”. Em sua narrativa, algumas pessoas, transformadas em personagens, são tratadas ora como vilões, ora como heróis. Às vezes, evidencia-se até certo mistério, tudo isso gerando uma “ficcionalização” dos fatos.

O efeito “patêmico” consistirá em uma forma de socialização da intimidade e do catártico. As formas de dizer devem sobrepujar o ambiente particular, tornando-se público. David-Silva (2005) acrescenta que, para se atingir os efeitos patêmicos, é necessária a dramatização dos fatos.

Apesar das diferentes possibilidades de estratégias discursivas para se atingir os “efeitos de realidade”, “os efeitos de ficção” e “os efeitos de patemização”, a busca por esses efeitos torna-se relevante para pensar a identidade discursiva de Maria Mazarello e a projeção etótica da editora.

4. As imagens de si no discurso: sobre ethos

No livro organizado por Ruth Amossy (2004), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*, Maingueneau (2004) retrata em seu capítulo intitulado *Ethos, cenografia*,

incorporação, uma concepção de ethos dentro da Análise do Discurso, em que o pesquisador busca refletir que a noção de ethos permite gerar adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva. Em termos pragmáticos, "o ethos se desdobra no registro do 'mostrado' e, eventualmente, no do 'dito'". (MAINGUENEAU *apud* AMOSSY, 2004, p. 70). É interessante o aspecto que Maingueneau ressalta, afirmando que o fato de que um texto pertence a um gênero de discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas em matéria de ethos. Logo, se estamos abordando sobre as narrativas de vida, já temos um ethos pré-discursivo em mente, tendo em vista a questão do gênero.

O termo tom também é utilizado para a conceituação sobre o ethos. Até em um texto escrito, existirá uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa. O autor ressalta que a vocalidade implica uma determinação do corpo do enunciador. Assim a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador, esta figura o leitor quem deve construir, com base em indícios textuais, sendo investido de um caráter e de uma corporalidade. A qualidade do ethos remete à figura do fiador que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado. (MAINGUENEAU, 2004).

Como Amossy (2004) aborda na introdução de seu livro, a noção de ethos para Maingueneau está associada à cena de enunciação, que integra três cenas: i) *cena englobante*: tipo de discurso; ii) *cena genérica*: contrato associado a um gênero; iii) *cenografia*: não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto. (MAINGUENEAU, 2004, p.75).

Portanto, Maingueneau afirma que o enunciado se dá pelo tom de um fiador associado a uma dinâmica corporal, sendo que o leitor não codifica o sentido, mas participa, fisicamente, do mesmo mundo do fiador:

O co-enunciador captado pelo ethos, envolvente e invisível, de um discurso, faz mais do que decifrar seus conteúdos. Ele é implicado em sua cenografia, participa de uma esfera na qual pode reencontrar um enunciador que, pela vocalidade de sua fala, é construído como fiador do mundo representado. (MAINGUENEAU, 2004, p. 90)

5. Os possíveis *ethé* nas narrativas de vida de Maria Mazarello

Infância – Maria Mazarello



00:00:31 a 00:01:05

Nós viemos de uma família pobre, de operários, minha mãe lavadeira e viemos para Belo Horizonte. Na minha terra, lá em Ponte Nova... O que levou minha mãe, que ficou viúva, com 9 filhos para criar [...] Ela sentiu, na verdade, que a gente não teria o amanhã.

Eu estava com as irmãs Salesianas, meu nome é Maria Mazzarelo por causa de uma santa salesiana.

Maria Mazarello inicia seu depoimento invocando a sua infância humilde, sobretudo ao utilizar os termos “pobre e operário”, que evocam efeitos patêmicos e o imaginário da “infância sofrida e trabalhadora”, a partir de um saber de experiência. O papel social exercido por sua mãe, lavadeira, já demonstra seu crescimento dentro de dificuldades socioeconômicas. Paralelamente, a forma como narra, com um tom de dramaticidade, lembrando-se das palavras de sua mãe, “ela sentiu que a gente não teria o amanhã”, também demonstra o efeito patêmico refletido em sua fala, articulado ao efeito de ficção ao remontar um passado longínquo. Ainda no mesmo trecho, há uma “imagem arquivo” (o retrato da família de Mazza), de cunho mais indicial, que nos dá a sensação de um efeito de realidade e confirmação da narrativa.

O imaginário refletido na escolha de seu nome, “meu nome é Maria Mazarello por causa da santa salesiana”, aproxima-nos do “saber de crença”, especificamente, o de “revelação”, ligado ao caráter sagrado. Mas é também perceptível um tom irônico na fala da editora.

Vocação – Maria Mazarello



00:01:34 a 00:04:40

E eu era doida pra estudar, doida, doida.

Mas a gente, por mais inteligente que fosse, o negócio é o seguinte, é preto, tinha que tá pra trás. Eu queria estudar na escola. Então, quando eu terminei o 4º ano, depois fiz o 5º de admissão escolar, eu tinha de fazer o ginásio e aí eu insisti com minha mãe, lavadeira, trabalhava de manhã, de tarde, de noite, insisti com ela da gente ir. Tiveram umas irmãs que tentaram arrumar vaga pra gente. ‘Nós arrumamos tudo pra você, fala com sua mãe, uniforme, mas sem ordem e autorização da diretora, Emancira, não tem jeito. E para isso, sua mãe tem de vir aqui conversar com a diretora’. Eu batalhei, batalhei, mamãe foi, mas parece que ela já tinha uma ideia do que ia acontecer. Quando chegou lá, *essa cena não sai da minha cabeça, eu vou morrer com essa cena na minha cabeça, lembro direitinho, do caminho da ida e do caminho da volta.* Custamos a ser recebidas pela irmã Emancira, mamãe já tava impaciente, em pé, né, porque a gente não tinha privilégio de mandar sentar. Se fosse filha de fazendeiro, se fosse fazendeiro... É outro tratamento. Muito bem. Aí veio a irmã Cida. [...] A Irmã olhou pra mamãe, pra mim ela nem olhou: ‘Dona Peninha [...], a senhora sabe que a menina da senhora ela não tem, não vai ter condição de ser professora, mas eu posso fazer uma coisa, tinha uma escola para domésticas [...] ao invés da senhora tá pedindo aqui uma vaga para professora, a senhora já pode, apesar dela ser muito novinha, matricula ela na escola doméstica, porque o futuro dela a senhora sabe, o futuro dela vai ser empregada doméstica. Eu apanhei do colégio até lá em casa.

Nesse outro trecho, mais uma vez, é reafirmado o contexto social de Maria Mazarello, ressaltado por uma problemática social, trazendo à tona o imaginário de preconceito racial evocado por um saber de conhecimento (experiência) e de crença (opinião). Como ressalta Authier-Revuz (2004), no fio de um discurso que um locutor único produz, há um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase e do discurso, que inscrevem o outro. Neste trecho apresentado, percebemos a heterogeneidade marcada em sua fala, quando introduz a enunciação de outrem: ‘Dona Peninha [...], a senhora sabe que a menina da senhora ela não tem, não vai ter condição de ser professora, mas eu posso fazer uma coisa, tinha uma escola

para domésticas [...]. Assim, Mazza designa o outro no seu ato de enunciação, locutor como “porta voz”, utilizando-se das próprias palavras do outro que ocupam o tempo.

Percebemos efeitos de realidade em diversas falas, exemplificadas aqui: “a gente, por mais inteligente que fosse, é preto [...] tinha que tá pra trás”; “Custamos a ser recebidas pela irmã Emancira, mamãe já tava impaciente, em pé, né, porque a gente não tinha privilégio de mandar sentar. Se fosse filha de fazendeiro, se fosse fazendeiro... É outro tratamento.”. Isso demonstra o tom preconceituoso que, no decorrer da narrativa, se reafirma. O uso da expressão “se fosse fazendeiro” carrega um imaginário de “casta social”, ilustrado por esse saber de crença (opinião) de Mazza.

A forma como a editora narra os acontecimentos de sua vida, utiliza de muitos efeitos de ficção, entrelaçando sequências do passado com sua autoimagem de editora e, em outros momentos, parece que estamos diante de uma história de ficção, onde temos a sensação de acompanhá-la em busca de um final vitorioso e feliz. Até uma possível vilã para a história nos é apresentada: a irmã Emancira. Mazza busca em sua própria fala o que a irmã teria dito àquele dia: “Dona Peninha, a senhora sabe que a menina da senhora não tem, não vai ter condição de ser professora”. Nesse trecho, percebemos pelo saber de opinião expressado um imaginário de “inferioridade do negro”. Sua fala também nos aproxima de efeitos de realidade, pelo teor sincero em que se expressa, e de efeitos patêmicos, visíveis em seu olhar e gestos. É comum no discurso da editora algumas intervenções e tropeços durante a sua própria narrativa, como ao invocar nomes de pessoas e suas vozes, outra marca de heterogeneidade.

Vocação – Maria Mazarello



00:08:29 a 00:09:53

Eu tinha contato direto com o pessoal lá debaixo... diziam que era a elite...as secretárias dos americanos... E eu tinha um contato direto com esse povo diferente do povo da gráfica e a razão é muito simples, eu tava num nível intelectual mais equiparado... eu não iria ser secretária porque... porque...não

19

ia ser secretária dos americanos. Foi aí que fiquei conhecendo Ana Lucia campanha Batista, que era uma das secretárias do americano lá. Ana Lucia Batista virou pra mim e disse: você tem que fazer é um curso de jornalismo. Eu falei, cê tá doida, menina, eu sou contadora!

Eu passei no vestibular!

Acontece que tinha um professor chamado Charles Scorfield, o cara era escocês, e o cara dava artes gráficas. O cara dava tipografia, dava composição, só que era um prato cheio pra mim, no fim, o cara dava aula quase que só pra mim. Quanto mais eu aprendia, aí mais eu falava: Nossa senhora! Que negócio mágico que é esse negócio de livro, de fazer livro...

Paralelamente, fazendo um livro no PABAE e Ana Lucia buzinando no meu ouvido: nós vamos abrir uma editora!

Um dos sentidos atribuídos nessa passagem é permitido, mormente, pelo audiovisual. A expressão “eu não iria ser secretária porque...porque” ganha força devido ao gesto que Mazza faz durante a fala, passando as mãos pelos braços, refere-se à sua raça negra, em uma tentativa de transmitir a fidelidade do fato, mais uma vez evocando o imaginário já debatido.

Por meio dessa narração minuciosa, do emprego de determinados verbos e da recriação dos diálogos, a narrativa é investida de efeitos patêmicos, que se traduzem em um sentimento de pena. A opção por determinadas categorias linguísticas, bem como os imaginários sociodiscursivos relacionados a essa situação – o tratamento preconceituoso para quem é negro –, já condiciona discursivamente algumas emoções.

É perceptível também nesse trecho apresentado, o crescimento nos âmbitos profissional e acadêmico de Maria Mazarello. Afinal, no início de sua trajetória, ela já afirmava “eu sou doida, doida pra estudar”, narrando sua trajetória de muito esforço para conseguir tal objetivo, conjurando o imaginário a partir de um saber de experiência “daqueles que vencem na vida com o trabalho duro”.

Apesar de não acreditar nos desafios propostos pela amiga Ana Lúcia, “cê tá doida, menina”, Mazza transmite um *ethé* de vencedora, muito mais pelo esforço pessoal e pela experiência do que pelo conhecimento teórico.

Afetividade – Maria Mazarello



00:13:53 a 00:14:47

Acabou que a Mazza Edições chegou primeiro, em termos de ser a primeira editora brasileira, realmente, a encarar a temática, a trabalhar na temática, isso, sem falsa modéstia, nacionalmente, o pessoal reconhece que foi a Mazza Edições que topou essa empreitada.

Eu volto para o professor Edgar, eu topei essa empreitada no fundo, no fundo, com aquela missão que o professor me deu.

Ele falou assim, você tem que continuar o trabalho, o espírito da Vega. Você é editora! Você tem que continuar! Você tem que perseguir!

O discurso da Mazza é permeado por saberes de crença. As explicações sobre os fatos que aconteceram em sua vida partem de um julgamento e de uma opinião construídos por ela e com motivações variadas, tais como a necessidade, razão, emoção, entre outros. Interessante notar que este saber é pessoal e social. Podemos apontar nesse trecho este saber de “opinião” “[...] a Mazza Edições chegou primeiro, em termos de ser a primeira editora brasileira, realmente, a encarar a temática, a trabalhar na temática, isso, sem falsa modéstia, nacionalmente, o pessoal reconhece que foi a Mazza Edições que topou essa empreitada”.

Já neste trecho, “você tem que continuar o espírito da Vega”, percebemos um tom até confidencial, a voz se abaixa em efeito patêmico para dizer o que entendemos ser um “saber de revelação”, com explicações fundamentadas em uma verdade exterior ao sujeito, que se expressa pelas ideologias, um imaginário quase sagrado de “que existe um caminho certo, de que devemos buscar os sonhos, pois eles são possíveis”.

O *ethos* percebido e que se confirma em todos os trechos que selecionamos da Mazza, está diretamente relacionado ao imaginário que permeia sua vida, de que o papel de editor é algo que se relaciona com um engendramento que envolve muito esforço, persistência e trabalho árduo, independente de preconceitos sociais visíveis na sociedade. Essa profissão

acabou sendo uma alternativa de vida e, dessa forma, ela se realizou como pessoa e como profissional.

Considerações finais

Com uma visão não romanceada da vida, vivendo os percalços por ser negra, de família humilde, foi com muito empenho e certo imprevisto que Maria Mazarello se tornou editora. Os possíveis *ethé* percebidos de Mazza são, sobretudo, marcados pela projeção de vencedora, de esforço, de persistência e de trabalho árduo e de vítima em uma sociedade discriminatória. A sua trajetória de vida a reflete profissionalmente: encontra dificuldades, mas espera sempre superar. Esse *ethos* que prevalece foi de uma profissional que vive “de” livro e/ou para os livros, sendo responsáveis pela difusão e pela memória cultural, literária, artística e ideológica. Cabe-lhe o complexo exercício de avaliar e selecionar em meio ao universo cultural. O *ethos* que também emerge das práticas discursivas da editora está atrelado à resistência, marcada por uma busca de que suas produções sejam respaldadas por valores literários e artísticos das obras, pela busca de um público leitor e de sua formação crítica, resistindo ao preconceito existente na sociedade. Por fim, percebemos um *ethos* de silêncio, já que em alguns momentos, há marcações prosódicas, variação no tempo de fala, silêncio, ou mesmo uma intensidade sonora mais baixa; esse fato ocorria, sobretudo, nos momentos em que relatava cenas de preconceito.

Assim, o *ethos* percebido e que se confirma em todos os trechos que selecionamos de Mazza está diretamente relacionado ao imaginário que permeia a vida dela (preconceito de raça), de que o papel de editor é algo que se relaciona com um engendramento que envolve muito esforço, persistência e trabalho árduo, independentemente de preconceitos sociais visíveis na sociedade.

Referências

AMOSSY, Ruth (org). **Imagem de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vedal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1978

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: Boyer H. (dir.) **Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Paris: L'Harmattan, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L; MELLO,R. (orgs). **Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG, 2004.

DAVID-SILVA, Giani. **A informação televisiva: uma encenação da realidade (Comparação entre telejornais brasileiros e franceses)**, 2005, 219f. Tese (Doutorado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-25.

SANTANA-GOMES, Letícia. **Por uma memória editorial**. [Filme-vídeo]. Produção de Letícia Santana Gomes. Belo Horizonte, CEFET-MG, 2015. 52min. Audiovisual.